

**PROCESSO DE ALCOOLISMO, PROSTITUIÇÃO E  
ALICIAMENTO DE ÍNDIOS PARA VENDA DE  
MADEIRA NA ÁREA INDÍGENA URU-EU-WAU-  
WAU - POSTO INDÍGENA ALTO JAMARI**

**DOSSIÊ**

ALTO JAMARI 13 63 31.05 08,00  
ADM PVH FUNAIA UU

NR 14/A. JAMARI 31.05.93 -INF VSA VG QUE OS INDIGENAS URUA E MANGUITA  
ET JUNATMANETE COM OS SEUS FAMILIARES VG FORAM ATEH A FAZENDA MARECHAL  
RONDON NEGOCIAR 02 ARVORES DE MOGNO AO GERENTE SR CARLINHOS PT FIM COM  
PRAR ALIMENTAÇÃO E ROUPAS VG OS MESMOS ALEGAM QUE A FUNAI NÃO ESTAH MAN  
DANDO ALIMENTAÇÃO PARA ELES PT INFORMO AINDA QUEO GERENTE SE DESLOCOU  
PARA BOA VISTA FIM COMPRAR COMBUSTIVEL VG O MESMO IRAH ENTREGAR O TRATOR  
ESQUI PARA O PROPRIO INDIGENA DERRUBAR AS ARVORES PT SDS  
PEDRINHO PARINTITN

PIN ALTO JAMARI NR 14 32 01.06 1530

ADM REG PVH/FUNAI

NR 15/AJ DE 01.06.93

INFO VSA VG QUE OS INDIGENAS TARCEA VG MONGUITA VG PURUAH VG BARINA VG MENOEL VG  
BAUA ESTAO SE DESLOCANDO PARA ARIQUEMES AMANHAN PELA MANHAN VG JUNTAMENTE COM OS  
MADEIREIROS LEVANDO UM CAMINHAO COM MADEIRA DE MOGNO PT SDS - PEDRINHO PARINTIN  
TIN CH PIN ALTO JAMARI

ZS/AJ/011540HL



MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO  
SUPERINTENDÊNCIA EXECUTIVA REGIONAL DA 2ª REGIÃO - CUIABÁ  
ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DE PORTO VELHO

PORTO VELHO-RO, ~~31/5/93~~  
31/5/93

COMUNICAÇÃO INTERNA Nº 060

DO: DA COORDENAÇÃO URU EU WAU-WAU

AO: ADR PVH

Sr. Administrador,

Comunico a Vossa Senhoria, que após diálogo com o PIN, Alto Jamary as 15:30 Hs o servidor Sr. Pedro Parintintin nos informou que os Índios estavam negociando com o Sr. Ernandes Amorim a retirada de madeira. Dialoguei depois com o Índio Pyrova, que falou que ele tinha/dado autorização ao Sr. Amorim para retirar madeira. Acredito que após os relatórios, radiogramas e encaminhamentos, esta promiscuidade não será mais um caso de indigenismo e sim um caso de polícia.

Atenciosamente

  
Regério Vargas Motta

Chefe de Posto

# NOVA MAMORÉ

## PDT agora tem a maioria na Câmara

Partido Democrático Trabalhista agora tem maioria na Câmara de Vereadores de Nova Mamoré. Com a filiação, domingo passado, dos vereadores Raimundo Brasileiro, Célio Silva e João Balano, em uma solenidade que teve ainda a filiação do Sr. Vicente, candidato a prefeito derrotado nas últimas eleições e outras lideranças comunitárias, o partido passa a controlar dois terços da bancada, composta por nove vereadores.

O encontro das oposições realizado segunda-feira no gabinete do prefeito José Guedes, de Rio Velho, teve vários fatores decisivos. O principal foi uma demonstração de que a esquerda não se uniu para vencer uma candidatura oficial e, a partir de então, trabalhar unida pelo desenvolvimento de Rondônia. A avanço é do empresário Ernandes Amorim, ex-prefeito de Ariquemes, que aproveitou a oportunidade para lançar seu nome como candidato a governador pelo

"Mas isso não é uma questão fechada. Passa antes pelo partido e depois por um acordo com as forças de oposição, que deverão marchar juntas para a eleição do próximo ano", disse Amorim, acrescentando que no correr do processo sucessório os candidatos dos partidos com menos chances de chegar a final não abdicar em nome do que apresentar melhor performance eleitoral. Amorim participou no sábado e domingo de atos de filiação ao PDT de vereadores em municípios de Nova Mamoré e Guajará Mirim.

Em Nova Mamoré com a filiação de seis vereadores, o PDT agora tem dois terços da bancada, de um total de nove. Já em Guajará Mirim, quatro vereadores aderiram ao PDT. Ernandes Amorim acredita nesse crescimento do partido na região



Ernandes Amorim se lança candidato a governo do estado pelo PDT

ao trabalho de reorganização partidária que vem sendo desenvolvido pelo deputado Euripedes Miranda em conjunto com o líder do PDT na Assembleia, deputado Dedé de Melo. Além dos vereadores outras lideranças locais também se filiaram ao PDT em Nova Mamoré e Guajará.

Pela análise de Amorim, o candidato a governador lançado pela união das forças oposicionistas estará com uma vaga garantida para disputar o segundo turno das eleições do próximo ano. Para a próxima reunião

das oposições, marcada para o dia 26, em Ouro Preto do Oeste, cada partido deverá apresentar seu candidato a sucessão do governador Osvaldo Piana. Amorim garante que a partir daí cada candidato vai trabalhar junto às suas bases "o que já vai dar para sentir qual o candidato com maiores aceitação junto ao eleitorado", afirma, lembrando que a oposição vai estar disputando o segundo turno com o candidato que se lançar com apoio do governo, seja, Chiquilito, Bianco ou Canuto, como já começa a se comentar nos bastidores.

# CANDEIAS

## Para ver... deve mo...

O vereador Sebastião Pereira, do município de Candéias do Jamari, fez pronunciamento durante a sessão solene do último mandato, da Câmara Municipal da cidade, quando foi apresentado ao povo a comissão de vereadores que irá elaborar a Lei Orgânica municipal, abordando a necessidade de rever os critérios que servem para fixar os salários do prefeito e secretários municipais.

Para o vereador do PT, preciso adequar "os vencimentos pessoais do alto escalão da administração municipal" à realidade econômica do município. Pereira entende que o atual prefeito, C. Pernambuco, "ganha mais do que Candéias pode pagar", principalmente porque o salário do prefeito reajustado bi-mensalmente e está na ordem dos 100 milhões de cruzeiros, enquanto o vice-prefeito ganha 50 por cento do valor do salário do titular da administração.

Para o vereador petebista a distorção é muito grande, pois o de 50 por cento dos trabalhadores de Candéias do Jamari sobrevive com salários de menos de 5 milhões de cruzeiros por mês, incluindo os próprios servidores municipais que ganham apenas um salário mínimo. Pereira também é contrário à fixação de um salário para o prefeito, uma vez que vice-prefeito cargo e só deveria receber quem assume no lugar do prefeito".

Enquanto o salário médio quem ocupa o cargo de Secretário Municipal está na ordem de 28 milhões de cruzeiros, os vereadores recebem apenas 7 milhões, inc

maio/93

"ERNANDES AMORIM"  
"ALICIADOR DOS INDIOS DO  
"PIN. ALTO JAMARI", FAZENDA  
"MARECHAL RONDON"

R E L A T Ó R I O   D E   A T I V I D A D E S

Á R E A   I N D Í G E N A

U R U - E U - W A U - W A U

ROGERIO VARGAS MOTTA

Chefe de Posto

Porto Velho,

08/05/93

P/R121



INDIO TARORA

RELATÓRIO DO POSTO INDÍGENA ALTO JAMARY, ABRIL DE 1993.

ÁREA INDÍGENA URU-EU-WAU+WAU

FUNAI/ADR/PVH

1- SAÚDE

Quando chegamos neste posto no final de março, encontramos um surto de bronco-pneumonia já comentada em outro relatório e radiograma. A presença do Auxiliar de Enfermagem, Sr. Fernando, agradeceu muito a comunidade indígena que veio a transparecer quando o mesmo começou a tratar aquela enfermidade. O índio Tari que veio do seringal Parati com sintoma de tuberculose, e que se encontra com uma tosse agonizante, principalmente à noite. Na viagem em que fizemos de vigilância, dias atrás com ele, em que o mesmo liderava os índios do PIN Alto Jamary, tivemos que retornar devido a noite, o mesmo tossia quase perdendo o fôlego. O Sr. Fernando tinha combinado com ele de fazer um certo tratamento, que vem se atrasando, primeiro porque faltou seringa, depois o Sr. Fernando viajou.

Na casa construída pelo Sr. Gumecido, fizemos uma repartição e instalamos dentro das condições possíveis, uma sala para farmácia. Também fiz uma fossa seca, coberta.

Quando na expedição de vigilância já citada anteriormente, passávamos pela fazenda do Sr. Amarin, presenciei o diálogo de um madeireiro com os índios, dizendo que tinha remédio para eles e que tinha também comprado para a índia Mandeã. É preocupante se este fato vinha ocorrendo antes, pois os índios não tem a mínima noção de dosagem de remédio e quando tem mais de um tipo, eles misturam tudo porque não sabem ler. O índio Moãgitá deu "uma dura" no madeireiro, dizendo que eles não vieram na fazenda atrás de remédio, e sim da criança que eles haviam levado para Ariquemes, e que no posto da FUNAI, havia remédio.

PROPOSTAS PARA A SAÚDE INDÍGENA

- a) Que o setor de saúde, adquira pedra preta, contra picada de cobra, para cada família dos Uru-Eu-Wau-Wau/Jupáu, e mandar fazer aparelhos de choque contra picada de cobra (semelhante ao modelo simples doado pelo "SUMMER") para cada posto indígena.

JUSTIFICATIVA :

Os índios Uru-Eu-Wau-Wau/Jupáu, têm perambulado muito dentro de sua área, a exemplo do clã do Buakara (onze pessoas, três crianças) que no ano passado, saiu do posto C.Ari, levando um mês

por dentro da mata para chegar ao posto Jamary. O percurso do posto C. Ari para o posto Alto Jarú, é feito com frequência com os índios, e quando tem presença de mulheres e crianças, a viagem dura três a quatro dias. No meio do ano passado quando o índio Gwarina com sua família, saiu da maloca no braço esquerdo do Rio Jamary para outra maloca tradicional, no braço direito do mesmo rio, sua mulher Imãna, gestante de oito meses, foi picada por uma cobra venenosa. Segundo seu filho Quari, eles retornaram e seu pai por dois dias, levou sua mulher gestante nas costas, mas não deu tempo de pedir socorro neste posto. Ela morreu.

Apos o contato, em 1986, o índio Avojupa foi mordido de cobra na região do Rio Manoel Correa, morrendo dias após a picada. Este fato levou os índios a fazerem o massacre em invasores naquele mesmo local, acarretando duas vítimas. No início do ano de 1992, o índio Paiarom foi mordido de cobra no PIN Jamary, sendo necessário retirá-lo com urgência para Porto Velho.

No mês de janeiro deste ano, Mohã (Tari) veio de carro do PIN Jamary para este posto e daqui seguiu viagem "de pé" com os outros índios, para as malocas do Alto Jamary, no meio da viagem uma cobra venenosa picou sua mulher, Jawa. Após a morte da índia Imãna, citada anteriormente, eu tinha destruído PEDRAS PRETAS, que havia ganhado de APARAI, para as famílias destes índios. No meio do mato os índios de posse destas pedras, colocaram-na sobre o local da picada. A pedra ficou grudada puxando assim o veneno. Eles seguiram viagem e a índia chegou bem na maloca, ficando a mesma sem sequelas. Evitou-se assim risco de vida, ter que levá-la um dia de caminhada de rede, e de assistência de viatura de Porto Velho.

A Auxiliar de Enfermagem do PIN Marmelo, Srª Nilce disse-me que usou choque elétrico no índio Joaquin Tenharin mordido de cobra venenosa e resolveu o problema de forma quase instantânea. Em conversa com índios Jamamadi, eles me disseram que o "SUMMER" tem usado este tratamento entre eles e tem salvado a vida de muitos índios. A Aux. de Enfermagem da FUNAI, Srª Joeline (Jiji), lotada no momento em Jiparaná, falou-me que as PEDRAS PRETAS, produzisse de forma fácil com osso do boi.

Acredito que o método de atuação da PEDRA NEGRA em picada de cobra, seja um processo fisico-químico.

O modo de atuação do choque elétrico nos induz a dizer que é um processo fisico-químico de desintegração ou de estruturação de moléculas de proteínas complexas de estrutura terciária.



Já que a FUNAI/setor de saúde, que não é de nosso conhecimento, nunca colocou soro anti-ofídico nos PIN's e PIV's desta área indígena, nem mesmo tem tido na casa do índio/PVH, porque não usar dos citados métodos, visto que são simples, baratos e têm dado provas; pelo menos para primeiros socorros?

b) Que o setor de saúde, planeje uma farmácia básica para os PIN's/ diferenciando o necessário dos remédios da Casa do Índio, de maneira que organize as farmácias nos postos e não haja falta de remédio nos mesmos.

c) Que o setor de saúde com a Administração da Casa do Índio, obtenham freezer para armazenar carne para os índios Uru-Eu-Wau-Wau em tratamento de saúde naquele local; pois lá só há uma freezer " que não tem possibilitado armazenar alimento de forma diferenciada, para índios doentes e não doentes.

## 2- ATIVIDADES PRODUTIVAS

No ano passado, fizemos uma roça neste posto, porém por falta de maniva de mandioca, foi plantada somente parte da derrubada. O Sr. "Amazona", plantou abóbora que esta produzindo muito. A outra parte da derrubada, que formava capoeira, começamos (com o Sr. Fernando) a limpar um pedaço e orientamos os índios que fizessem o mesmo. Foi um pouco difícil convencê-los, pois eles nunca haviam feito aquele plantio. Cinco famílias fizeram plantio de feijão, de forma/separada, como são seu costumes. No plantio tivemos que ajudá-los / para aprenderem sobre o espessamento entre pés de feijão. Foi plantado 14 litros de feijão pelos índios e nos plantamos três litros.

Esta formado 1/2 Ha de mandioca o que tem quebrado o galho/ de nós funcionários e dos índios que estão no posto. Os mesmos têm/ até feito a farinha tradicional. Minha preocupação é que, se a comunidade indígena tiver muita frequência no posto, este mandiocal não dure até formar outro, com o próximo plantio. Devido a isto, será / necessário continuar incluindo farinha nos pedidos de mercadorias.

Estamos incentivando os índios a fazerem muita roça e plantarem arroz, já que acostumaram a comer este alimento.

Pretendo fazer uma outra roça neste posto e fazer uma roça/ no Rio São Raimundo, a meio caminho entre o posto e as malocas (duas horas e trinta minutos de caminhada deste posto), pretendendo, de vagar, transferir o posto para aquela localidade. Lá fica mais perto para dar atendimento de saúde, principalmente de emergência, nas malocas do Alto Jamary e também afastar os índios da Fazenda Marechal Rondon, de propriedade do Sr. Amorim. Segundo os índios, lá / tem mais caça.

Proponho que este posto seja reforçado com auxiliares de / serviço gerais diante da necessidade de fazerem duas roças.

### 3- VIGILÂNCIA

Entre os dias 17 e 20, fizemos juntamente com o Sr. Fernando, e os índios vigilância entre os marcos 5 e 6, com o objetivo de reconhecimento de parte daquela divisa de 23 Km. Fizemos esta viagem sem mercadorias, pensando em alimentar-nos de caça. Pela segunda vez, percebi que percorrer pela picada de divisa não se acha caça devido proximidade de moradores, sendo necessário nestas viagens levar mercadorias para comer.

Os índios por diversas vezes tem perguntado a respeito da desintrusão de moradores no Rio Floresta, que a Funai pretendia fazer. comentam ainda que pretendem ir lá tirar os moradores.

#### PROPOSTAS:

- a) Que nós FUNAI façamos um trabalho de vigilância conjunta com esta comunidade indígena entre os marcos 4,5 e 6 (aproximadamente 46 Km). Que a FUNAI forneça mercadorias e munição por 15 a 30 dias / para 20 pessoas, formada pelas famílias que saem das malocas e ficam aguardando os homens no posto pelos índios e funcionários que irão fazer a vigilância. Desta maneira a presença frequente dos índios no posto, não seria uma simples substituição da fazenda, de receber mercadorias; que é o que vem acontecendo. Seria sim uma substituição da doação paternalista de mercadorias no posto, por uma doação engajada num trabalho de benefício deles próprios.
- b) Que o SPIMA consiga mochilas com o exército, como forma de incentivá-los na vigilância de suas terras.
- c) Que o SPIMA obtenha com o INCRA mapas de colonização limítrofes/ com a divisa entre os marcos 4,5 e 6 desta área indígena.
- d) Que o SPIMA e o setor jurídico programe uma operação de desintrusão no Rio Floresta e no Rio Candeias (entre os marcos 3 e 4)

#### 4- RELAÇÃO: ÍNDIOS, POSTO E FAZENDA

Este grupo indígena, vem frequentando a Faz. Marechal Rondon, hoje do Sr. Ernandes Amorin, a mais de sete anos. O índio, Pyrova, aprendeu até a dirigir trator. Neste tempo todos eles vêm recebendo mercadorias como alimentação, roupas e outros, sem terem a mínima noção de troca, diferente do que vem ocorrendo com o grupo dos Amondowa, que têm o mesmo tempo de contato. Ao iniciarmos o trabalho neste posto planejamos a incentivá-los a produzir de vagar (pois na fazenda obtem-se mercadorias sem trabalharem). A exemplo de outros grupos indígenas, poderem produzir farinha, artesanato e extração de seringa.

O índio Moãgita esta cogitando em fazer o mesmo. Neste caso o problema é que, devido a estrada só chegar no posto, e as malocas ficarem distantes aproximadamente 25 Km, eles pretendem cortar aqui no posto. Permanecendo eles no posto, certamente alimentando-se com mercadorias da FUNAI e atrair os outros índios que permanecem nas malocas.

Por diversas vezes que estamos acompanhados pelos índios, e que ao passar-mos por peões da fazenda, os índios Pyrova e Moãgita sempre pedem fumo de forma insistente. Eles estão muito viciados juntamente com duas crianças de 11 e 12 anos, Avapy e Quari. Também as mulheres mais novas estão fumando. Estas duas crianças quando tem fumo em abundância, fuman o dia todo, temos dado fumo para os dois índios mais velhos que são viciados, e quando isso não ocorre, eles saem atormentados para conseguirem fumo na fazenda. Este vício tem sido um dos elos mais fracos deles diante dos abusos na fazenda. Uma das saídas, agora que estão viciados, é ensiná-los a plantar e produzir fumo que é um método simples. Outra saída, é afastar o posto desta fazenda.

O que contribuiu para este vício é a frequência na fazenda, dos jovens índios, e a inatividade deles, devido os mesmos não terem crianças. No momento, juntamente com os problemas de saúde, este é o maior problema social dos Uru-Eu-Wau-Wau/Jupau, com 15 homens solteiros e viúvos, e uma população de aproximadamente 70 pessoas (20%). É fundamental que a FUNAI tente dentro do possível resolver este problema social, que surgiu após o contato com a FUNAI em 1981, onde por problemas de doenças morreram 7 mulheres casadas com filhos. Caso a FUNAI venha ter melhores condições de trabalho, seria necessário uma pessoa só para cuidar destes problemas. Tenho proposto aos subgrupos dos JUPAU, que façam uma festa (yrerua e btaba) no verão, nas malocas do C.Ari, para que ao encontrarem-se, haja um momento cultural político em que façam alguns casamentos possíveis e falem sobre vigilância de seus territórios. O sub-grupo deste posto talvez a mais de 5 anos não encontram-se com o sub-grupo C.Ari, o que não ocorria no passado. Este fato tem favorecido no enfraquecimen-

to e desestruturação dos JUPAU. O mesmo não acontece com os AMONDAWA que tem a mesma população e não são separados. Para esta festa tenho proposto, caso eles queiram fazer; que a FUNAI levaria de avião mercadorias/alimentos para subsidiar os dois outros grupos visitantes, por uma semana. Seria oportuno caso houvesse a citada festa, a presença do Administrador e outras pessoas de "peso".

Construir com o apoio dos índios uma casa estilo maloca de 9m de comprimento por 7m de largura, para uso próprio ou de funcionários da FUNAI.

## 5- MANUTENÇÃO DO POSTO INDÍGENA

Temos desde do início do nosso trabalho, distribuído parte das mercadorias que vai para os PIN's com as respectivas comunidades indígenas dos mesmos, isto só para os 3 subgrupos dos JUPAU, porém pretendemos a médio prazo, fazer com que eles cheguem ao mesmo processo de aquisição de mercadorias (venda e compras), que já iniciaram os Amondawas.

Quando foi feita a atração dos Uru-Eu-Wau-Wau no final do POLONOROESTE, havia abundância de mercadorias, alimento para os funcionários e presentes e alimentos para os índios. No final do ano de 1991, o subgrupo do C.Ari ainda recebia pouca mercadoria naquele posto. O subgrupo do PIN Jamary estava afastado daquele posto em uma maloca acima do Rio Jamary devido a mesma estar próxima de um local onde os madeireiros roubavam madeira da área indígena e davam mercadorias para eles, (relatório do Dr. Nailton). Fizemos um acordo com o líder daquele grupo, com conhecimento do Sr. Administrador, onde a FUNAI conseguiria mercadoria para eles até o tempo que a roça que eles iriam fazer, começasse a produzir, principalmente a mandioca, e que eles fizessem a vigilância daquela área. Eles vêm cumprindo muito bem o tratado e a Administração da FUNAI vem cumprindo com muita dificuldade seu trato, devido a falta geral realizada de recursos. As poucas vezes que atrazou a ida de mercadorias, os índios saíam nas casas de colonos para obtê-las, tornando-os frágeis com a vigilância da área indígena.

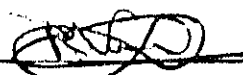
No caso desta comunidade indígena que há anos vêm recebendo mercadorias da fazenda sem ter que oferecer trabalho ou outra mercadoria em troca, apesar da fazenda estar em terras tradicionais deles; a abertura do posto indígena, foi uma substituição sem que houvesse ou pudesse haver mudanças bruscas nos hábitos adquiridos pelos índios na citada fazenda. Devagar já conseguimos alguns resultados positivos, a exemplo; Os índios saíram da fazenda, eles plantaram feijão, estão fazendo vigilância de sua área, negar comida (alimentos) para eles no posto indígena, num momento crítico em que obtendo estas mudanças, conforme relatório deste PIN também do mês de abril, e fazer com que os índios desloquem para a fazenda. No momento ou a FUNAI obtenha recursos para conseguir de forma lenta a transferência dos índios de um processo de pós-contato em um processo produtivo de alto sustentação, ou quem vai administrar esta área indígena rica em madeiras de lei, será a curto prazo, as empresas madeireiras a exemplo das áreas indígenas do sul de Rondônia.

Quando viemos para este PIN em 30/03/93, com mercadorias / para passar um mês, contando que a comunidade indígena presente no mesmo, logo iria para as malocas, soubemos através de rádio, não / oficializado, que no dia 12/04 viria um carro para fazer a vacinação. A comunidade indígena ficou aguardando. Depois pelo rádio, / transferiram a viagem para o dia 16/04. Somente dias após passamos o RDG N.º 06 Alto Jamary de 15/04, tivemos resposta oficial do SDC, Sr. Ernesto, sobre a não vinda mais da viatura, isto sem a data / marcada. Este tempo todo os índios compartilharam de nossa alimentação, que logo acabou-se. Passamos mais de uma semana comendo somente mandioca, abóbora e raramente carne de caça.

Dias após ter chegado no posto (30/04), com poucos dias de antecedência data marcada, (12/04) para a vinda da viatura de saúde, fiz uma ligação pelo rádio pedindo mercadoria em meu nome, mas para consumo também dos índios; isto devido estar próximo da citada / viagem e não ter tempo para adquirir-las pelos meios normais (burocracia). Após adiarem a dita viagem, pedi através de rádio, não oficialmente, que transformassem parte da nota em uma solicitação / de material, de forma que não se onerasse.

Conforme RDG. 03/Alto Jamary de 30/04/93, comuniquei que / tive problemas com esta comunidade indígena, na distribuição das / mercadorias/alimentos vinha na viatura no dia 23/04. Isto devido , após conseguir retirar o índio Pyroba, amaziado com uma cozinheira / dos madeireiros, e trazê-lo para este posto, ele tentou colocar alguns índios contra minha pessoa, assim na hora de trazer as mercadorias do lugar onde o carro parou, no Rio Floresta, estando eu sozinho, os índios que levavam mercadorias para o posto, ficavam com a mesma. No dia 27/04, parte do grupo indígena foi para as malocas onde tem alimentação. Ficaram no posto dois índios enfermos, dois / rapazes problemáticos e uma criança. Tivemos que repartir nosso restante de mercadorias por dias com eles. No momento a dias que estamos sem alimentos básicos: sal, óleo, açúcar, feijão sabão e outros.

Proponho que uma linha de trabalho seja discutida em conjunto com vários funcionários da FUNAI, colocando a forma diferenciada ainda de relacionamento dos Uru-Eu-Wau-Wau/JUPAU com os índios e que periodicamente alguns funcionários da FUNAI façam um conhecimento de campo.



ROGERIO VARGAS MOTTA

Chefe de Posto

Poto Velho, 08/05/93

RELATÓRIO DO POSTO INDÍGENA ALTO JAMARI, MES DE ABRIL DE 1.991.

ERA ATÔMICA ESPACIAL, VÉSPERA ANO 2.000, COLONIALISMO AINDA ATUANTE.

O comentário deste relatório, tem o objetivo de explicar detalhadamente o que vem acontecendo com a comunidade indígena deste Posto, no relacionamento e interesses do proprietário e funcionários da Fazenda Marechal Rondon.

É bom lembrar, que o local dessa Fazenda, foi moradia de muitos índios Uru-Eu-Wau-Wau/Jupáú ainda vivos. As malocas do grupo acima mencionado, fica mais próximo da Fazenda que do Posto de Atração Comandante Ari. Este Pin. Alto Jamari, foi aberto em abril de 1.992. Antes os índios frequentavam a Fazenda por dois motivos principais: Ficava mais fácil se deslocarem de suas malocas para adquirirem mercadorias na Fazenda do que no Posto Comandante Ari, e outro que a Fazenda era terra tradicional deles. Sabe-se que até o ano de 1.992 a Fazenda era parte da Mineração São Domingos, passando logo em seguida para o Sr. Amarin. Na gestão da Mineração, já se iniciou a degradação físico-cultural com 100% de mortalidade infantil, e a morte do líder do grupo (Mohan).

Nos últimos dois anos de posse do Sr. Amarin, morreram quatro crianças significando também a mesma porcentagem. Tanto a mineração e a atual fazenda, fazem questão de dar alimentos e presentes mas, sempre os abandonaram nos momentos em que apresentavam doenças, a exemplo; da mortalidade infantil e dos relatórios desde a criação deste Posto. Os mesmos documentos informam o domínio que o Sr. Amarin vinha tendo sobre eles. A abertura do Posto Indígena no ano passado evitou uma invasão de madeireiros que tiravam madeiras em lotes entre a fazenda e a divisa da mencionada área. Comenta-se que esses madeireiros passavam 40% da madeira para o Sr. Amarin. Um desses madeireiros em 1.991, adentrou na área indígena vários quilômetros, roubando centenas de metros cúbico de madeira e ao mesmo tempo tinha a presença dos índios na fazenda sem saberem do roubo. Após nosso trabalho com eles, ensinando-os sobre a divisa e vigilância, os mesmos apreenderam no final do ano de 1.992 um trator squide que começava adentrar na área. Na Administração da Funai em Porto Velho, tem relatório e laudo de impacto ambiental.



este fato.

Após a criação do posto, os índios passaram a permanecer mais no mesmo e na maloca deles no Jamari. Até mesmo a vinda de dois jovens que já estavam altamente aliciados com a fazenda, surpreendeu a nós que trabalhávamos no Posto, mesmo assim esporadicamente os meses iam na fazenda. Entretanto, no mês de dezembro/janeiro e fevereiro, devido a ausência de funcionários de melhor instrução no Posto, os índios passaram a permanecer o maior tempo na aludida fazenda. Os relatos que começaremos a descrever, são principalmente desses meses.

Sabemos que no final do ano o Sr. Amorin iniciou atividades de exploração direta de madeira, isto é, sem uso de terceiros em sua fazenda e lotes dados pelo Inera citados anteriormente. Essa exploração no inverno, destruiu 9 km de estrada que dar acesso a este Posto. A exploração ocorreu principalmente com aproveitamento de forquilhas e restos de madeiras estocadas no verão, isto devido a escassez de madeira na citada área. Assim sendo, com a permanência dos índios na fazenda, no meio de madeireiros, com abundância de madeiras nas proximidades, na área indígena, estão tentando as mais diversas formas de aliciamentos que passaremos a descrever através das nossas próprias observações e relatos dos índios:

a) O Sr. Amorin falou para o índio Moangita, para quebrar o rádio-transceptor do Posto e colocar os funcionários da Funai para correr, para não contar quando ele estivesse tirando madeira da área indígena.

b) O Sr. Amorin falou ainda na cozinha de sua fazenda, sério, para os índios: Moangita, Quari, Biteté e outros; que iria jogar de avião bomba (dinamite) neles, neste Posto Indígena e no Posto do Jamari, se os mesmos continuassem "tomando de conta" do mato, floresta na área indígena. Esse fato já foi comunicado a Administração da Funai/PVH, através do Radiograma nº 02/Alto Jamari de 05.04.93. É constante o comentário por parte dos índios amedrontados sobre essas bombas, apesar de tentar-mos desmentir tal possibilidade de ameaça.

c) O gerente da fazenda Sr. Vavá, ofereceu para o índio Pyrova, uma toyota cabine dupla nova e um pampa de uso da própria fazenda, em troca de madeiras da área indígena. Também falou que daria uma caixa de calças jeans e rádio-gravador para todos. Confirmando tal fato, o irmão do Amorin Sr. Helio, no mês de fevereiro, esteve neste Posto trazendo mercadorias e falou que traria mais em troca de madeiras. O

Líder do grupo, o Índio Mbuaa falou para o mesmo, que faria a bar-  
ganha se caso ele trouxesse toda mercadoria que existe na cidade de  
Ariquemes, de forma a inviabilizar o diálogo, satirizando-o. Não  
desestindo, um mes depois o Sr. Vavá levou o referido Índio para a  
Ariquemes sem se preocupar com a autorização da Funai, permanecendo  
vários dias nessa cidade. Deram-lhe um gravador novo e muita roupa.  
Nós confirmamos o fato, quando estávamos de passagem por Arique-  
mes com destino a este Posto e, comerciantes comentavam da presen-  
ça de Índios naquela cidade com o citado Senhor. O Índio retornou  
para o Posto com bronco-pneumonia infectando toda comunidade indi-  
gena, conforme radiograma nº 02/Alto Jamari de 05.04.93.

Com a nossa chegada no Posto, as seringas e agulhas  
não foram suficientes para atender tal surto de tal bronco-pneumo-  
nia.

d) Conforme relato do Índio Moãngita e denúncias feita pelo Í  
Índio Biteté, ao Chefe de Posto Evandro; os peões madeireiros do  
Sr. Amorin consomem cachaça diariamente e, quando na presença dos  
Índios é oferecido aos mesmos. No mes de março, num certo dia, na  
fazenda, quando o Sr. Hélio (irmão do Amorin) e os peões madeirei-  
ros bebiam, os mesmos deram bebida alcóolica para os seguintes ín-  
dios: Pyroa, Moãngita, Biteté e o Índio Quarí de apenas 12 anos.  
Entre os Índios é motivo de sátira, o fato do Índio Biteté neste  
dia, ter bebido até mijar nas calças. Essas bebedeiras com os ín-  
dios aconteceram anteriormente e posteriormente a esse dia. O ín-  
dio Avapy (12 anos) comentou que um certo dia, em uma desavença  
com a cozinheira dos madeireiros conhecida como Morena, Heida, que  
encontrava-se embriagada, a mesma puxou uma faca para este Índio,  
e ele para se defender, deu um tiro por cima dela com uma espingar-  
da calibre 16 para amedronta-la.

e) Há tempo que se vem comentando, mesmo em relatório casos de  
prostituições e aliciamentos sexuais na referida fazenda. No momen-  
to podemos confirmar tais fatos, pelo relato de uma própria Índia,  
Kanda, casada, que nos informou que o peão Ademir levou-a para Ari-  
quemes, e numa noitada, deu-lhe cerveja e logo após cachaça que a  
mesma comenta ter gostado muito. Depois dormiu com o referido peão  
fazendo práticas sexuais diferente de sua cultura. Com a nossa che-  
gada no Posto, confirmamos o adultério quando a mesma Índia foi fa-  
zer visita ao seu irmão aliciado que se encontra na fazenda, acom-

panhada de sua mãe e crianças, e só retornou no outro dia. A criança índia (Borel), de apenas 09 anos de idade dormiu no mesmo quarto com ela, disse-nos que viu a noite o Ademir deitar na cama com ela. A comunidade indígena, sabe a tempo que esse fato vem ocorrendo, não só com ele como com outros peões. É bom lembrar que o maior problema sócio-antropológico dos Índios Uru-eu-wau-wau/Jupuaí é a falta de mulheres, tendo numa população de aproximadamente 70 índios é, 15 homens solteiros, isto devido a grande mortalidade de mulheres após o contato deles com a Funai em 1.981.

Segundo informações do índio Quarí, ele presenciou um acariciamento do peão Ademir com sua irmã, Curhanbê, de apenas 11 anos de idade, dentro de um caminhão de madeira. Não se sabe ainda, se o mesmo manteve relações sexuais com aquela criança.

O índio Moingita nos relatou que, a cozinheira dos madeireiros, Reida (Morena), convidou-o à práticas sexuais em condição de o mesmo dar-lhe em troca madeira de mogno. Tendo em vista o mesmo ser solteiro, ele teve a relação somente para satisfazer seu prazer mas no entanto não quis cumprir o trato combinado. A mesma vendo que não conseguia nada desse índio, apelou para o outro índio, de nome Pyrova, jovem e solteiro, conseguindo retirar esse índio de sua comunidade, mantendo-o na fazenda. Os próprios índios falam que isso é uma jogada dos madeireiros para que os mesmos consigam retirar madeira da área indígena. Na nossa interpretação, ele seria a chave para convencer a comunidade a negociar madeiras por mercadorias. Os índios comentam também, que ela tem ódio da Funai e fica pressionando o índio Pyrova para que o mesmo convença os seus parentes para tal negociação ilegal. Isso tornou-se evidente, quando o mesmo índio acompanhado da tal mulher, veio a passeio a este Posto e pediu a seus familiares que mandasse o Chefe do Posto, Sr. Rogério para ir embora. A comunidade notando que era jogo sujo, não coadunou com os mesmos. É triste e revoltante, ouvir a noite, o canto melancólico (Choro) da mãe índia, preocupada com o seu filho misturado com peões madeireiros.

f) Há poucos dias atrás, numa conversa nossa com o líder do grupo Mbana, o mesmo tentou-nos colocar em má situação, informando que o Sr. Amorin disse que ele levava os índios para passear na cidade e dava mercadorias e presentes; e que a Funai era ruim para eles que só levava-os na cidade quando estavam doentes, que a Funai só

servia para segurar eles no mato igual bicho. Falou também entre outras coisas, que o mato é perigoso para eles pois poderiam se machucar enquanto caçavam e assim dariam trabalho para levá-los ao hospital. Que eles deveriam viver igual seus peões na fazenda. Hipócrita esse Senhor que já foi Prefeito em Ariquemes e sabe o quanto é problemático o exodo rural, provocado principalmente pela propaganda fantasiosa do consumismo formando milhares de favelados que moram nas periferias das cidades. Ensinou ele, sim, de o índio ter vergonha de ser índio. É de conhecimento dos leitores de jornais da época em que o Sr. Amorin era Prefeito de Ariquemes nos seus pronunciamentos a favor da diminuição das áreas indígenas de Rondônia, principalmente a área indígena Uru-cu-wau-wau que incere parte dentro do município na qual administrava.

Com todas estas versões, os índios desta comunidade, revoltosos comentam em expulsar o pessoal da fazenda de forma violenta e tomá-la de posse devido ser território tradicional dos mesmos, conforme início do relatório, mas temem represálias por parte dos madeireiros, motivo esse é porque o índio se encontra aliciado na fazenda e as ameaças de bomba do Sr. Amorin.

No mes de fevereiro quando se fazia um inquérito policial juntamente com funcionários da Funai, na região do rio floresta e monte negro, aproveitou-se a oportunidade para saber de fatos irregulares que vinha ocorrendo na fazenda entre peões e índios. A Polícia Federal ao interpelar o índio aliciado Pyrova, o mesmo informou que tudo estava correndo normal, que eles estavam ali porque queriam, escondendo o mesmo o fato de sua irmã ser usada sexualmente e quase todos os relatos citados neste documento. Se o Delegado de Polícia tivesse dialogado com técnicas indigenistas com a outra parte da comunidade, naturalmente teria obtido partes das informações que no momento estamos relatando. Foi desmoralizante para o trabalho da Funai na área perante os índios o fato da equipe da Polícia Federal terem dormido na fazenda, na própria casa dos infratores. Foi comentário dos peões para com os índios, da fraqueza da Funai diante o fato, facilitando ocorrencias de vários outros delitos.

A onde está o IBAMA e a SEDAM ? omissão ou conivência? diante de tantas infrações do meio ambiente? após esta Coordenação através da Administração da Funai de Porto Velho, ter emitido documen -

tos e relatórios tornando-os a par das infrações ambientais que vem ocorrendo no interior e proximidades desta área indígena. O que é que tem de ecológico no Planaflores? já que este étno-ecídio e de - vastação ambiental vem ocorrendo de forma escancarada no Estado de Rondonia, diante do Governo e Secretarias responsáveis.

Caso não se tomem providências urgente e rígidas, esta poderá ser a próxima área indígena a ser administrada por madeireiros e fazendeiros inescrupulosos como vem acontecendo no sub-estado com os Suruí, Cinta Larga, mais recentemente Nambikuaras e outros, onde a Funai lá passa ter uma simples presença figurativa.

A onde está a "MÍDIA" Estadual e Nacional? que tanto fez ' alarme no caso Paikõ? e que não vê casos como estes de exploração de aliciamentos e sexuais para com os índios da Amazônia?

Diante da pobreza da falta de recursos da Funai, acontecem casos como esse, em que falta mercadorias no Posto (recém aberto - sem roças formadas) por semanas e, os índios juntos sem outro meio' vão pegar mercadorias com os madeireiros retornando com as mesmas. Assim os funcionários da Funai ficam em mal situação, humilhação, fraqueza diante dos índios em ter que comer esse ("veneno") dos madeireiros. Se esse quadro não mudar através da Funai e principalmente através de órgãos responsáveis afim ( Ibama, Polícia Federal, Sejam, Justiça Federal e outros), nós nos recusaremos a continuar trabalhando neste Posto, fazendo o "papel de bôbo" perante os madeireiros/fazendeiros. Informamos ainda que outros funcionários desta mesma área indígena, estão com medo e recusando de vir trabalhar neste Posto Indígena devido o clima de ameaças.

De forma a não transparecer uma inimizade generalizada com os madeireiros, somos a favor da exploração de madeira dentro das normas técnicas de exploração (Plano de Manejo Florestal), fora das áreas de preservação permanente a exemplo do bem planejado mapa de zoneamento sócio-econômico ecológico feito para o Planaflores.

#### SUGESTÕES:

a) Sugerimos diante dos fatos, que seja aberto um inquérito policial para que se cumpra a Lei 6.001 de 12 de dezembro de 1.973, referentes as infrações sexuais, alcoolismo, aliciamento por madeireiros e outros.

b) A abertura de uma pista de pouso entre as duas malocas deste grupo nas cabeceiras do rio Jamari, de forma a evitar a convivência

promisqua que os mesmos vinham tendo na fazenda, á semelhança do Posto Comandante Ari.

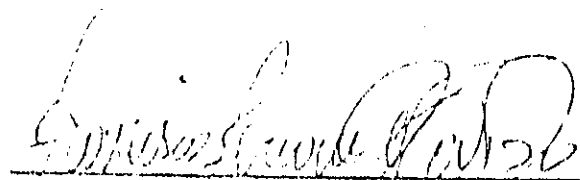
e) Que a Funai mantenha constantemente Auxiliar de Enfermagem com esta comunidade pois, é a mais prejudicada em termo de sobrevivencia física das quatro comunidades Uru-Eu-Wau-Wau, conforme relatamos no início deste documento.

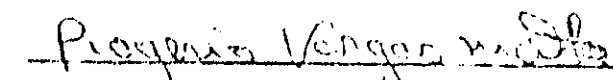
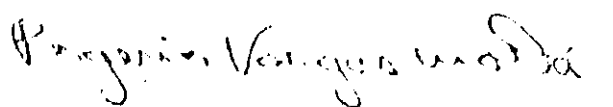
d) Que seja repassado mais recursos pelo Governo Brasileiro para a Funai de forma a garantir as necessidades mínimas como: Saúde, Transporte, Vigilância, Atividades Produtivas de auto sustentação, de forma a contrapor às fantasias hipócritas izacerbadas pelos madeireiros e fazendeiros.

Enis uma vez, após vários radiogramas, pedimos urgencia e justiça para esse escandalo em pleno ano do Índio.

Atenciosamente,

Posto Indígena Alto Jamari, 19 de abril 1.993

  
Francisco Fernandes Cardoso  
Aux. Enfermagem

  
Rogério Vargas Motta  
Chefe de Posto  




**FUNAI**  
Fundação Nacional do Índio  
Administração Regional do Porto Velho

Ofício nº 009/ASSJUR/ADRPVH/FUNAI/13

Porto Velho (Roraima),  
02 de maio 1993.

**Senhor Procurador,**

Para conhecimento de V.Sa., em anexo, encaminhamos, cópias xerográficas de Radiogramas e Relatórios diversos, remetidos a esta Regional, pelo Chefe do Posto Indígena "ALTO JAMARY" e Coordenadores da Área Indígena Uru-eu-wau-wau, buscando meios eficazes, para soluções exequíveis ao crescente ímpeto de problemas avassaladores reinantes no seio da Comunidade "ALTO JAMARY", sub-grupo dos índios Uru-eu-wau-wau.

Não obstante, cumpre informar à V.Sa., que a "FAZENDA MARECHAL RONDON", de propriedade do Senhor, ERVANDES AMORIM, faz limite de confrontação com a mencionada Área Indígena Uru-eu-wau-wau, com sede administrativa que dista apenas 10 Kms., do Posto Indígena "ALTO JAMARY", e que, em tempo pouco remoto fora habitat imemorial dos Silvícolas.

Outrossim, esclarecemos, que praticamente, se getaram-se os diversos esforços envidados pela Administração Regional de Porto Velho, objetivando coibir atitudes indignas dos persuasores, da FAZENDA MARECHAL RONDON, que primam pelas promessas aliciadoras de práticas ilícitas de retirada de madeiras nobres do interior da Reserva, bem como, aliciamento de índias adolescentes a prática de atos sexuais ilícitos, ingerência de bebidas alcoólicas, transporte de índios aos baixos meretrícios do Município de Ariquemes, e, logo após deixam-se para os vestígios trágicos da miséria e da doença no seio da Comunidade.

DR. OSER DE LICE  
MD. PROCURADOR DA REPÚBLICA  
n e s t a



**FUNAI**  
Fundação Nacional de  
Administração Regional do IBAMA

1. Portanto, esclareço a V.Sa., que esta  
mos remetendo Ofício com o teor à Superintendência Executiva do  
IBAMA, na perspectiva de obtermos uma possível resposta.

Sendo o que nos apresenta para o momento, ele  
vimos protestos de estima e distinta consideração.

Atenciosamente,

Ind. SAMUEL VIEIRA CRUZ  
ADMINISTRADOR REGIONAL DA FUNAI

  
Adv. NAILTON GREGÓRIO  
PROCURADOR JURÍDICO FUNAI





MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO  
ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DE PORTO VELHO

PORTO VELHO-RO, 26/02/93  
COMUNICAÇÃO INTERNA Nº 033/93

DO: Área Indígena Uru-Eu-Wau-Wau

AO: ADM REGIONAL FUNAI PORTO  
VELHO.

Senhor Administrador,

Encaminho para vosso conhecimento e análise o Relatório de Atividades no Pin Alto Jamary, do servidor sr Augusto Cassupá, do período de 01.2.93 a 21.02.93.

Sendo só para o momento, subscrevo-me,

Atenciosamente,

Raimundo Francisco  
Ch. FIM Comandante ARI  
RP 1204/91 de 25-10-91

Relatório de Atividades

Período de 01.02.93 a  
21.02.93 no Pin Alto  
Jamary.

Sai de Porto Velho dia 01.02.93, para o Pin Alto Jamary, quando cheguei no Posto não encontrei nenhum índio, todos estavam na Fazenda do Amorim.

Permaneci no Posto junto com os índios Arikã, Kuari, Riteté e Tari, que tinha ido comigo de Porto Velho.

O índio Divipa Uru-Eu-Wau-Wau me informou que na fazenda dão bebida alcoólica aos índios que lá estão.

Os índios me informaram ainda que gostam de ficar na fazenda porque o sr. Amorim e o sr. Demir levam eles para a cidade de Ariquemes.

Mandu Uru-Eu-Wau-Wau, me contou que o sr. Amorim levou ela e Avilby para Ariquemes e que ficaram lá uma semana na casa do mesmo.

Os índios contaram que o sr. Amorim fica jogando eles contra a FUNAI e seus funcionários.

O sr. Amorim e sr. Demir ficam fazendo a cabeça dos índios para que os mesmos vendam madeira para eles.

O funcionário do sr. Amorim que está tirando madeira dentro da fazenda do mesmo, me procurou para saber se podia tirar madeira na área indígena. Informei que não, e que se o mesmo tirasse seria processado pela FUNAI e preso pela Polícia Federal.

O índio Arikã derrubou dois mognos para vender ao sr. Amorim, mas não foi retirado até agora de dentro da área.

No dia 17.02.93, o índio Arikã brigou comigo, porque disseram que eu tinha pego seu gravador. Na verdade, eu havia ligado o rádio para ouvir as horas para poder ligar o rádio amador.

No dia 20.02.93, resolvi sair do Posto para evitar maiores confusão, fiquei no acampamento do sr. Amorim, esperando ver quando o carro passaria para eu voltar para Porto Velho.

Neste mesmo dia o pessoal da FUNAI passou para o Posto, no retorno no dia 21.02.93, me apunharam na estrada que dar acesso a área e vim para Porto Velho.

SUGESTÃO:

- Sugiro que nos Postos fiquem mais funcionários, uma média de 4 a 5 pessoas;
- Sugiro que se der mais apoio ao pessoal de campo.

Porto Velho-RO, 26 de fevereiro de 1.993.

AUGUSTO CASSUPÁ  
Aux. Serv. Gerais/Enc. do PIN.

*Augusto Cassupá*

NR 11-ALTO JAIARI DE 130393 PT INFO VSA VG QUE NO DIA 120393 VG FOI RETIRADO DESTA AREA NOS LIMITES COM A FAZENDA SR ANORIM VG UMA CARGA DE MADEIRA PT OS TONAS DE MADEIRAS COMO FORAM TROCADOS POR OS GRUAVADORES PT OS INDIOS FORAM ET ALIEM ESTAVAM ENVOLVIDOS ET JUNTOS COM OS MADEIREIROS O QUE IMPOSSIBILITOU A NOSSA AÇÃO PT TAL MADEIRA FOI RETIRADA PELO SR VAVAH PT SDS == EVANDRO SANTIAGO CH POSTO ==

*Ao Chefe dos Juízes  
para providência -  
MVI-16.03.93  
Aluf.*

OCS/ES-15.08,24HS

ALTO JAIARI NR 010 150 1203 08,00  
OCS/ES-12-08,23.13

ABR/VIH - ATT SAMUEL CRUZ

NR 010-LATO JAIARI DE 120393 PT FAÇO SABER VSA VG OS COMENTARIOS DOS PROPRIOS INDIOS DESTA PIR PTPT NO DIA 08.03.93 O INDIO BANA (TABIJARA) CHEGOU N/PIRUM ALTO ASSISTIDO DE PTAS O MESMO ENCONTRAVA SE NA FAZENDA DO SR ANORIM VG ONDE FOI RELEVADO PELOS SEUS FUNCIONARIOS DA SEMINTE FORAM PTPT SE A FORÇA CONTI HAR TAMBEM POLICIA ANTI QUANDO ELAS FORAM IR EMBORA VG NOS VAMOS ATEN POSTO ET APRECIOS FOGO N/ MANEJOS OS FUNCIONARIOS ET VOCES TODOS PT ALÉM DISSO VG ELAS TEM INTRODUIDO NO MEIO DESTE GRUPO BEBIDAS ALCOOLICAS PT OBRIGANDO ATEN AS MULHERES ET CRIANÇAS INGERIREM TALS BEBIDAS PT OS MESMOS COM TALS PRATICAS DE ALICLIAMENTO VG JAM CAUSARAM O DESALDEAMENTO DE OS MEMBROS DESTA GRUPO VG OPERANDO-LHES ALÉM DE BEBIDAS VG TOCA FITAS ET ANILAS DE FOGO ET TROCA DE MADEIRAS PT AGUARDO SEJAM TOMADAS AS PROVIDENCIAS PT ELAS OS CORRENDO RISCO DE VIDA NESTE PT PT SDS == EVANDRO SANTIAGO CH POSTO ==

*Ao Chefe de dos Juízes  
ca para providência  
MVI-16.03.93 Aluf.*

ALTO JAIARI NR 14 28 1530

ADM REG PVH

NR 14/AJ DE 18.03.93 PT INFO VSA VG QUE O SENHOR VAVA DEVOU PARA A CIDADE DE ARIQUELES OS INDIGENAS PTPT BANA ET LOCARA ONTEM PARA RECEBEREM OS GRUAVADORES TROCETIDOS PT INFO ALIEM QUE VG O MESMO TEM FEITO PROPOSTAS AOS INDIOS PARA REFERIR AS FORTILIAS QUE FICARAM NA TERA PT OS MESMOS COM TALS A SERVIR BEBIDAS AOS INDIOS PT SDS = EVANDRO SANTIAGO CH PIR ALTO JAIARI

*Ao Chefe dos Juízes para  
providência; dar ciência /  
a Coord. Uru Cu Uru  
Uru - PVH.19.03.95 Aluf.*

ZSES/1815/9h1

ADREPVH

BR 002-A JAMARY DE 080393 PT INFO VSA QUE SR AMORIM CHIOU EM SUA FAZENDA UMA FRENT  
DE ATRACAO VG ONDE OS INDIGENAS DESTA PIN SAO AGRACIADOS C/ PRESENTES ET PROMESSAS  
DE UM MUNDO MELHOR MORANDO ET TRABALHANDO NA MESMA PT ISTO TEM DIFICULTADO MEU RE-  
LACIONAMENTO JUNTO A COMUNIDADE POIS OS MESMOS PERMANECEM MAIS TEMPO NA DITA QUE  
NO POSTO PT NAO INFORMEI NA MAIS TEMPO PORQUE O MEU RADIO NAO ESTAVA TRANSMITIN-  
DO BEM PT SDS == EVANDRO SANTIAGO CH POSTO ==

*As chefe Ass juridica  
PT propor providencia  
10.03.93 R. Luf*

ALTO JAMARY NR 004 40 0903 08,00  
OCS/ES-09.08,2015

ADREPVH

BR 004-A JAMARY DE 090393 PT FAÇO SABER VSA VG QUE OS INDIGENAS DESSE PIN ENCONTRA-  
SE NA FAZENDA PT OS SR VAVAH INCITA OS INDIOS A HANDEREM OS FUNCIONARIOS DA FUNAI LI-  
EMBORA PT MANDU-IA DISSE PTPT QUE O MESMO TAMBEM PROMETEU COMPRAR 02 ESPINGARDAS PARA  
INDIOS FORUAM ET ARIKAM PT SDS == EVANDRO SANTIAGO CH DE POSTO ==

*As ch. Ass juridica  
PT providencia R. Luf -  
10.03.93*

ALTO JAMARY NR 008 40 10 08100

ADREPVH

BR 008-ALTO JAMARY DE 100393 PT INFO VSA QUE NO DIA 070393 O GERENTE DA FAZENDA FOR  
HECNU BEBIDA ALCOOLICA P/ OS INDIOS LOGO APOS HOUE BRIGA ENTRE OS INDIGENAS JAM EM  
SREAGADOS PT SOL DE VSA TOME AS DEVIDAS PROVIDENCIAS PT SDS == EVANDRO SANTIAGO CH  
POSTO ==

*As chefe Ass juridica  
PT propor providencia  
urgentes. 10.03.93.  
R. Luf -*

OCS/ES-10.08,2015

ADRP/H

NR 01-21 DE JANEIRO DE 1980... SEGUNDO SERVIDOR APREC... DE QUE...  
... AREA... DE...  
... DE...  
... DE...  
... DE...

*Acab. em 13/12/92*  
*[Handwritten signature]*

*RFCU Di*  
*FM 13/12/92*  
*[Handwritten signature]*

*AO Coord Uru Cu pt*  
*meios exclusivos*  
*MVA. 11.12.92*  
*[Handwritten signature]*

003/ES-08.08,1715

DETO JANVRY MR 003 35 0:03 00,00

ADRP/H

NR 003-A, JANVRY DE 080393 PT INFO VSA QUE SEGUNDO INFORMOU-ME O INDIO BITENH VG  
O SR VAVA (GERENTE DA FAZENDA) TEM TENTADO PERSUADIR OS INDIGENAS PORUR ET ARIKAN  
TROCAREM MADEIRA POR TOYOTA VG TOCA FITAS ET ROUPAS PT SDS = EVANDRO SANTIAGO CH-  
PIN

003/ES-08.08,2315

*AO Ch AS juridico*  
*pt proprio providencia*  
*MVA. 10.03.93*  
*[Handwritten signature]*

ADR PVH

NR 056/PINHEIR DE 19.11.92 PT FOI INFORMADO PELO SERVIDOR AUGUSTO DA SILVA VJ DE ALTO JARARY VG QUE OS ÍNDIOS DAQUELA COMUNIDADE ATIRARAM FOGO NA SREDEB QUE DE MONTAGANA// AFREEDILA RAQUELE PIN VG DIA 13.11.92 PT SCS RIELI FRANCISCATIC

114 TIRACREMA  
ADR PVH  
19.11.92 - 8:00h  
Rioli/ORB

*Wente. Ao ch Ass juridica p/ conhecer providencia. An contem/ so cond. chm Gu dlu dlu. J huf. Mth. 19-11-92*

Positivo

*Ch. TIRACREMA  
19.11.92  
J huf.*

BARRAGEM MONTEBEGRO 02 92 - 19.11.92 15:30h

ADR PVH

NR 02/MONTEBEGRO DE 19.11.92 PT COMUNICO VSA VG QUE FOI INFORMADO PELO SERVIDOR FRANCISCO AZARO QUE SE PASSOU ANTIGO POSTO INDÍGENA NOVA FLORESTA VG PT ESCOLANDO TOTALMENTE DESTRUÍDO PELO FOGO OS BARRACOS AONDE SE ENCONTRAM OS SEJANTES EQUIPAMENTOS TODOS DESTRUÍDOS PELO FOGO PT SÃO OS SEGUINTES APRES LOTS MÓDULO DE TOTA 25 RP FARCA JOHNSON VG 02 GELADEIRAS AL GAS VG UM MOTOR MONTGOMERY COM CARPETU PT OUTROS MATERIAIS NÃO RELACIONADOS PT AONDE NÃO SE ENCONTRA UM FURCA TÁBAR ESTACIONARIO COM GERADOR PELO QUE SUSPEITAMOS QUE FOI LEVADA PELOS INDÍGENAS QUE DESTRUÍRAM O BARRACO PT AUREO CEZAR DE OLIVEIRA CH. BARRAGEM

MONTEBEGRO - 20.11.92  
ACO/ORB.

*Ao cond chm Gu p/ conhecer e propor ao Ass juridica Ass juridica. Mth. 20-11-92 J huf.*

## RELATÓRIO DE VIAGEM

No dia 21 de novembro de 1991 partiu de Porto Velho, a equipe da FUNAI constituída pelos seguintes funcionários:

- Samuel Vieira - administrador da FUNAI - Porto Velho
- Denise P. Ferrari - enfermeira da FUNAI
- Maria Vandy - auxiliar de enfermagem da FUNAI
- Ivaldo Parintintin - interprete da FUNAI

A equipe dirigiu-se à fazenda Marechal Rondon, - no município de Ariquemes, tomando-se a Br. 421 até o Km 90 e percorrendo-se outros 18 Km. até o local, onde segundo informações, encontrava-se um grupo de índios / Uru-Eu-Au-Au com "problemas de saúde".

A fazenda consta como de propriedade do Sr. Ernandes Amorim em sociedade com o Sr. Eli Lopes.

O primeiro é atual prefeito de Ariquemes e o segundo, / presidente da UDR local e diretor nacional da UDR.

Os índios foram encontrados alojados num barraco / de madeira em situação de completa e absoluta promiscuidade. O local não dispunha de qualquer ventilação ou / luminosidade e os índios permaneciam em estreito contato com animais domésticos e seus excrementos. A situação / dos índios pôde ser no mínimo considerada como sendo / calamitosa, como descrito a seguir:

ENFERMEIRA  
DENISE PEREIRA FERRARI  
25/11/91







FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDÍO  
FUNAI

RELATÓRIO DA ÁREA INDÍGENA  
URU EU WAU WAU

Elaborado por: ROGERIO VARGAS MOTTA  
Coordenador da Área Indígena.

PORTO VELHO - RO  
1992

## 1 - HISTÓRICO

### 1.1 - HISTÓRIA ECONÔMICA DE RONDÔNIA

"O atual estado de Rondônia foi ocupado por fluxos migratórios, sempre motivados por interesses econômicos. Primeiro fluxo se deu no século XVII vindos de Cuiabá em busca de mão - de obra indígena para escravizá-los. Segundo fluxo ocorreu já no século XVIII em busca de ouro. Na verdade, a caça a mão-de-obra indígena alternou-se e compôs-se com os demais interesses. Quando não havia ouro, voltavam-se a buscar índios" (\*).

"No final do século XIX um exercito de aventureiros, consorciados com os monopólios estrangeiros, como a CIBILIS & CIE, GUAPORÉ RUBBER, SOCIETE-INDUSTRIELLE e AGRICOLE DO BRESIL, disputaram o rio Guaporé e os seringais, palmo-a-palmo, com os índios. A atividade de extração do "ouro negro"(borracha), declinou-se na década de 1910/20. Com a exploração da borracha vieram também das plantas medicinais, como a poalha(ipéca) e outros produtos, como a balata, copaiba, castanha, baunilha, cumaru, que ainda prevaleceu mesmo com o declínio da borracha. A falta de matéria prima causada pela 2ª Guerra Mundial, nos anos quarenta, revigoriza o preço da borracha e as explorações predatórias de cassiterita e ouro, novo fluxo migratório chega à Amazonia causado pelo surto econômico. Para os índios, de novo os milhares de mortos em combate e/ou epidemias, e milhares de hectares perdidos"(\*).

"Não bastando a exploração indiscriminada, durante, até então ciclo da borracha e outros produtos, foi implantado o primeiro projeto de colonização, Pres. Dutra em 1945"(\*).

"Seguido depois de novo impulso colonizatório, em 1960. A colonização e ocupação deu-se de fato na década de 1970/80, onde anualmente, milhares de famílias provenientes do sul do País chegavam e desordenadamente ocupavam o Estado de Rondônia"(\*).

Na década de 80, as principais forças econômicas foram a exploração de minérios, cassiterita e ouro no rio Madeira e a exploração de madeira em todo o Estado. Com a decadência do garimpo no rio Madeira (garimpo de ouro), a exploração de madeiras tornou-se a mais forte economia do Estado. Em Rondônia hoje, há aproximadamente 800 serrarias. O mais grave é que as madeiras das terras particulares (dos lotes de colonos e das fazendas) estão quase que extintas, restando as áreas indígenas como reservas de madeira de lei. Temos que considerar que as áreas indígenas

(\* ) - M<sup>a</sup> Auxiliadora C. S.Leão: Relatório de Estudo e Identificação da área Indígena Uru Eu Wau Wau - FUNAI/BSE/1985.

do sul de Rondônia já foram quase todas exploradas pelos madeireiros, por dois meios: Furto e/ou aliciamento de índios.

Seguindo os passos da história, em nome do progresso os índios vivem um massacre contínuo.

#### EXPLORAÇÃO SELETIVA DE MADEIRAS EM ÁREAS INDÍGENAS

A exploração seletiva de algumas espécies de madeira de lei no estado de Rondônia como o mogno, a cerejeira e o freijó principalmente, tornou o estoque dessas espécies muito reduzido e ficando disponível somente à longas distâncias das indústrias beneficiadoras e principalmente dentro das reservas indígenas.

Cogita-se que 90% do mogno e 60% da cerejeira que chegam nas indústrias madeireiras de Rondônia são provenientes de áreas indígenas.

#### 1.2 - CONFLITOS ÍNDIOS X INVASORES

"A historiografia é clara e explícita sobre a ocupação, imemorial indígena Uru Eu Wau Wau, nos vales dos rios Jaci Paraná, Pacaas Novos, Cautário, São Miguel e Jamari. A área demarcada pela FUNAI em 1985, é parte do território ocupado por eles anteriormente. Um balanço histórico nos mostra que entre 1945 e 1984 a região dos rios Jamari, Floresta, Candeias e Jarú, foram palco de sangrentos conflitos com várias expedições punitivas contra o grupo indígena, seguidos por revides destes, atacando os seringais, e, tentando expulsar o invasor que tentava fixar-se em seu território imemorial. Para citar alguns poucos documentos entre os inúmeros existentes: Em 1945/49 ataques no rio Floresta e Jarú. Em 1950/51 morreram seringueiros varados por flechas no seringal St<sup>a</sup> Cruz, no Jamari."(\*)

Entre as décadas de 1950 e 1980 novos massacres e expedições punitivas tornam-se conhecidas no Jamari em diferentes pontos e também no Igarapé Floresta. Em 1957 ataques indígenas em seringais do Alto Jamari. Em 1958 expedições de seringalistas localizaram e dizimaram aldeias indígenas no Igarapé Floresta. No mesmo ano o seringal Canã é saqueado, e três expedições punitivas são formadas: Uma desloca-se para o rio Jarú e massacra uma aldeia e duas outras, organizadas pelos seringueiros do St<sup>a</sup> Cruz e Canã, deslocam-se para o Floresta a procura dos índios, que continuavam seus ataques intermitentes aos seringais. Em 1962 é organizada nova expedição punitiva pelo seringal St<sup>a</sup> Cruz."(\*)

"No ano de 1966 a entrada de garimpeiros, da companhia Almeida, aumentam os conflitos, sendo deslocado para a área o sr. Nilo Veloso, da Sassi (SP1), que fotografa no Igarapé Floresta 36 pontos que mostram a presença de índios isolados na região". (\*)

"Além da Bacia do Jamari, os ataques nesta ocasião continuavam no rio Urupá, Ig. Mandi, rio Preto, rio Candeias e principalmente no Ig. Pombal, onde se instalou, posteriormente, Faz. Mal. Rondon e a mineradora Brumadinho, em uma antiga pista de pouso do SPI (Pia Angelita)." (\*)

"A luta incansável em defesa de seu território "imemorial", deu-se até no ano de 1983 no Ig. Floresta, onde um seringueiro foi encontrado castrado e com 14 flechas no corpo."(\*)

As histórias não escritas dos conflitos encontram-se com os remanescentes dos seringueiros, seringalistas e dos índios. Há notícias de seringalistas vivos, em Rondônia e outros estados, que fizeram massacres contra os índios, como é o caso do sr. Manoel Lucindo, residente em Guajará Mirim, que responde processo criminal e vai a julgamento este ano. Em 1964 este seringalista massacrou o grupo indígena Oro-Uim, no seringal São Luiz, hoje dentro da Área Indígena Uru Eu Wau Wau, sendo pleiteado atualmente pelo seu filho Sebastião Fandinho. O mesmo que há ano de 1991 colocou na área indígena uma firma de garimpo.

Os relatos de massacres são melhores contados pelos próprios índios, quando convivemos com eles, obtendo a confiança e a amizade dos mesmos, tendo tempo para nos momentos apropriados escutar as histórias de lutas, de fugas, de vitórias e perdas.

Quando falam que os Uru Eu são terríveis matadores, sanguinários ou que é povo guerreiro e corajosos, não é uma simples difamação de selvageria ou afirmação de coragem de uma etnia mas sim uma situação histórica da qual eles vivem fugindo dos colonizadores, e ao sentirem-se encurralados em seu território, defendem-se de qualquer modo, como qualquer um de nós agiria ao ver nossa casa invadida por exploradores assassinos. Nesta comunidade remanescente é comum um índio falar que tem o pai, a mãe, irmãos e avós mortos por invasores. É um remorso latente nos que estão vivos, não porque assim quiseram, mas sim pela imposição histórica dos aventureiros, empresas atrás de riquezas.

### 1.3 - A. I. URU EU WAU WAU: ETNIAS, GRUPOS DE ÍNDIOS ISOLADOS.

Os Uru Eu Wau Wau, denominação oriunda dos índios Paucas Novos, pertencentes a família linguística tupi-guarani, a língua Kagwahib <sup>GRUPO DO NORTE</sup> se auto-denominam Pindotativojara-gã ou ju'pau-gã, isto é "gente que mora no palhal" ou descendentes de amõi(avô)ju'pau-gã, respectivamente.

O outro grupo Uru Eu Wau Wau, <sup>DO SUL</sup> que se autodenomina Amondava-gã, que são relativamente afastados do grupo anterior. Há, também, um grupo kagwahib, o qual os Uru Eu denominam Juru rei-gã, sendo eles isolados, vivendo nas cabeceiras do rio Muqui e nas proximidades (fora da área indígena) da Reserva Florestal do Urupá. Consta que este grupo já efetivou contato em dois episódios

dios com funcionários e intérprete da FUNAI.

Existe um outro grupo de índios isolados entre o rio Cautário e o rio Pacaas Novos, que os Uru Eu denominam Yvyrapara kuara-gã. Afirmam, no entanto, que estes não são kagwahib.

Consta ainda a informação de que existe um grupo de isolados entre o rio Pacaas Novos e rio Ouro Preto, local este próximo da área invadida pela madeireira Catâneo.

#### 1.4 - URU EU WAU WAU: CONTATO E PÓS CONTATO SUB-GRUPOS

Os Amondawa-gã é um grupo dos Uru Eu Wau Wau que na época do contato moravam nas cabeceiras do rio São Miguel e afluente do rio Cautário (rio Cujubim). Na época a população deste grupo era de aproximadamente 70 indivíduos. Depois, com as epidemias foram reduzidos a um terço. Este grupo no passado mantinham certo contato amigável com os Uru Eu Wau Wau, mas com certas restrições. Os Uru Eu Wau Wau do norte que se auto-denominam "Pindotivojara-gã" na época do contato, era formado por 4 sub-grupos: Sub grupo do Jai (Amõi), do Aremã, do Morrã (Verruga) e do Kanindé. Os sub-grupos do Jai e Aremã moravam na mesma aldeia, pois são duas metades oposta (Mutun-nyngwera e Arara) que casam-se entre si. Eles moravam entre as cabeceiras do rio Cautário e rio Urupá. O sub grupo do Morrã morava nas cabeceiras do rio Jamari e rio Cautário. O sub-grupo do Kanindé, e irmãos, esporadicamente com outros homens formavam um grupo guerreiro nômade, fala-se que em épocas chuvosa estes grupos se reuniam na mesma aldeia.

Segundo registros da FUNAI, relato oral de funcionários e dos próprios índios, sobre as mortes que houve após o contato e massacres anteriores, a população dos "Pindotivojara-gã" era de aproximadamente 300 índios. Hoje a população é de 60 pessoas, divididos em 3 aldeias.

#### 1.5 - URU EU WAU WAU: DIREITO A TERRA

"Em carta de Moacir Xerex, inspetor do SPI, datado de 19 de Outubro de 1945, Benjamin Rondon encaminha o mapa do Jamari e explica que resta demarcar o fundo de Monte Negro e rios de Pacaas Novas e rio Nova Floresta, zona de Antuérpia/Cajueiro de Jaru e o próprio Jaru segundo ele, "zona de índios perigosos".

"A primeira proposta concreta de delimitação de reserva deu-se em 1946, quando foi informado o Governo do Território de toda ocupação indígena de toda bacia do Jamari, do Floresta até as serras dos Pacaas Novas. De acordo com documento da época, o despacho foi favorável em 26 de novembro de 1946.

Em 1964, após o massacre do sr. Manoel Lucindo às al

deias Oro-Uim e os diversos contra ataque por parte dos índios, o SPI decidiu interditar a área abarcada pelo seringal São Luiz e através do ofício 30/64, 32/64, 33/64, o ato foi comunicado ao sr. Lucindo ao Governo do território e ao banco de Crédito do Amazonas.

Em 1963, após o conflito no Rio São Miguel, Cautário Jamari, é enviado pela FUNAI (BSB), pela ajudância de Guajará-Mirim, nova proposta de enterdição da área.

Em 1971, através da portaria 508/n, enterdita-se a área, proposta em 1973.

Os trabalhos de atração tiveram início em 1980 após várias mortes no rio Floresta durante o ano de 1979". (\*).

Em março de 1981, dar-se o primeiro contato pacífico nos campos de Alta Lidia, no PIN Comandante Ari, após vários ataques à frente de atração da FUNAI.

Em 24 de setembro de 1984, pela portaria nº 1767. O Presidente da FUNAI institui um grupo de trabalho para estudo de identificação e definição da área indígena dos Uru Eu Wau Wau e Uru Pa In.

Em 9 de julho de 1985 foi demarcado pelo decreto nº 91.416, a área indígena dos URU EU WAU WAU.

Em 29 de outubro de 1991, é assinado pelo Presidente da República o decreto nº 275, que homologa a demarcação da área administrativa indígena URU EU WAU WAU.

## 2 - SITUACÃO SOCIO-ECONOMICA DOS GRUPOS E SUB-GRUPOS URU EU WAU WAU, QUANDO DA CHEGADA DA NOVA COORDENACÃO.

### 2.1 - SITUACÃO DO CLÃ DO ARIMAN-GA. L> 1991

Segundo o funcionário Raimundo Castro de Oliveira (Capeba), o clã do Ariman perambulava pelo posto de vigilância Alto Jarú desde 1987, ajudando na vigilância. Todos os anos eles passam meses (1 a 2) neste posto e voltam depois para o PIN Comandante Ari. Em 1987, 1988, 1989, ficaram no P.V. Alto Jarú para receber presentes (roupa, panela, alimentação) do madeireiro José Luiz, que retirava madeira do interior da área indígena, através de contrato com Romero Jucá (BSB) e Nilson Campos (2ª SNER).

No ano de 1991, eles passaram uns 4 meses no P.V. Alto Jarú. A índia Java-ê (mãe do Ariman, Purue, Pueri), esteve várias vezes na casa do índio em Porto Velho, fazendo tratamento de tuberculose. Nos últimos anos no Pin Comandante Arisó há enfermeira esporadicamente, ficando assim meses, anos sem assistência de saúde.



O rapaz Puruen estava, nesta temporada, no P.V. Alto Jaru, começava a frequentar escola de colonos na linha 627. Por este motivo o clã dele não queria sair do Alto Jaru para o Pin Comandante Ari. Começou a haver problemas, nos finais de semanas os índios estavam indo passear nas casas dos colonos, ver jogos de futebol nas linhas de colonização. Além dos índios mexer nas roças de colonos criando problema, por outro lado, os colonos passavam a ter liberdade de ir caçar na área indígena.

Nós convencemos o Puruen de voltar com o clã para o Pin Comandante Ari, argumentamos que outros índios não estudavam em escola de não índio. Falamos para o Puruen que iríamos colocar uma enfermeira no Pin Comandante Ari para ajudar a eles. Ele argumentou que lá era um Posto isolado e funcionários e enfermeiras da Funai não queriam permanecer ali. Eles acabavam ficando sem assistência.

Concluindo: Eles voltaram para o Pin Comandante Ari mas aguardavam expectativa em relação a Nova Administração da Funai. Assim, longe da divisa, pegariam menos doenças e evitariam aliciamento por não índios.

## 2.2 - SITUAÇÃO DO CLÃ DO TARI-GA

Eles tem maloca na beira do rio Jamari entre o PIN Comandante Ari e o Pin Jamari, na época do contato ficavam junto com o clã do JAR-GA, depois moraram 2 anos no PIN Jamari. Há 2 anos atrás fizeram uma maloca e roça a uma 2 horas de barco voadeira acima do PIN Jamari. No verão de 1991, fizeram uma roça, a um dia subindo de barco do PIN Jamari. Fizeram esta roça e maloca neste local, porque ficava mais próximo dos madeireiros que roubavam madeira, entrando pela linha 48 (ver mapa anexo), onde iam buscar mercadorias. Nos anos de 1990 e 1991 foram aliciados neste local Jivipa-ga e Moãgita-ga (do Pin. Comdte Ari) no ano passado falaram para o funcionário Raimundo e Nazaro, que o pai deles (Paiajuv-ga) queria flechar os madeireiros, mas não o fez porque o Tari-Ga não deixou argumentando que aquele território era deles (Clã) e que a FUNAI não dava apoio (enfermeira e mercadoria), como no tempo da atração. No ano de 1990 eles receberam mercadorias do madeireiro José Alagoano (maior serraria do município de Jaru). No ano de 1991 estavam recebendo mercadorias de outros madeireiros, do qual nós aprendemos 3 caminhões e um trator. Contraditório foi que a época desta apreensão, foram os filhos do Tari-Ga (os mais aliciados) que nos deram apoio para pegar os madeireiros. O que sentimos é que eles estavam perdidos. No passado a FUNAI permitiu por contrato os madeireiros tirarem madeira no Alto Jaru e quem mais recebeu foi o clã do Ariman e do Paiajuv. Nesta troca ficavam no Pin Jamari. Agora que os madeireiros estavam perto deles era a vez deles receberem.

Em dialogo paciente, e mostrando nosso interesse em reativar nosso apoio ao PIN Jamari; eles responderam positivo, expulsando um madeireiro de dentro da área indígena, e estragando o acampamento dos infratores.

### 2.3 - SITUAÇÃO DO CLÃ DO CANINDÉ-GA

O clã é formado por: Canindé-ga, Avapoa-ga(irmão idoso) e dois filhos (PYrei e Mbitetea). O Canindé é o índio mais temido pelos funcionários da Funai e respeitado pelos seus parentes índios. Grande parte de seu tempo permanecia sozinho, havendo notícias do mesmo ter tido problemas com suas esposas; Talvez por não se fixar e sim perambular comandando um grupo de guerreiros. A família dele foi massacrada pelos seringueiros em uma maloca que ficava no rio Muqui, só sobrando: Ele, o irmão e a irmã que foi levada por um dos assassinos e hoje encontra-se casada com o mesmo, morando como agricultores, no município de Jaru. Os índios do PIN Comandante Ari disseram-me que o Canindé, já pediu várias vezes para os funcionários leva-lo até sua irmã.

No grupo Pindotativujara faltam mulheres, muitas morreram em guerras com os brancos ou devido a doenças adquiridas após o contato com a FUNAI. Estivemos junto com Canindé-ga e Avapoa-ga em dezembro de 1990 em Guajará Mirim em um encontro de lideranças indígenas e encontramos a antropóloga Ligia Simuniane que os conduzia do seringal Parati para Porto Velho e de lá para o PIN Comandante Ari. Na época estavam no encontro 3 Amondavas que usamos como intérpretes no diálogo onde nós perguntávamos ao Canindé-ga sobre a presença de índios isolados nas cabeceiras do rio Pacaas Novas. Ele confirmou, dizendo que quando se deslocava do Pin Comandante Ari para o seringal Parati, passavam a noite na região do rio Pacaas Novas, para não serem atacados por estes índios arredios, e que seu filho havia casado com uma não índio, filha de seringueiros. Hoje, entre seus parentes, comenta-se que ele também casou com filha de seringueiro, por isso não quer retornar para o meio deles. A senhora Ligia nos informou que eles estavam trabalhando para os seringueiros. Kanindé disse ainda que não gostava da Funai, pois a mesma não lhe dava brindes, como ocorria na época do contato. Que os seringueiros estavam dando brindes e arrumando mulheres para eles, coisa que a Funai não está fazendo.

É uma situação complicada, haja visto, o seringal Parati não ser o território tradicional do Kanindé e não sabermos como se tem dado a relação de trabalho entre eles e os seringueiros.

Outro agravante é o fato de os Uru Eu Wau Wau terem poucas mulheres e os Amondava terem mais e mostrarem-se resistentes a permiti que as mesmas se casem com Kanindé-ga. O que agrava mais a situação é a falta de recursos, que na época do contato e do POLONOROESTE era abundante e foi cortado da noite para o dia para os índios Uru Eu Wau Wau.

#### 2.4 - SITUAÇÃO DO GRUPO DO MBAWA-GA

Em conversa com os índios, principalmente os mais novos aliciados pela fazenda, argumentaram que não sairiam mais da mesma, porque a Funai só dava assistência aos parentes do Pin Jamari e Comandante Ari, enquanto lá dentro do mato eles adoeciam e nada era feito, o que é um fato. Nós já considerávamos por parte dos mais novos um problema(morar na fazenda) a ser resolvido a médio e longo prazo. Com duas visitas, no final de 1991 e início de 1992 em suas malocas e um pequeno apoio material a esta comunidade, fomos correspondidos rapidamente; saíram da fazenda para as malocas não voltando a frequentá-la, e vigiando sua própria área.

Kwari falou durante nossa última visita, que só voltaria a fazenda se a Funai os abandonasse. Nossa proposta é criar um posto próximo da maloca no Alto Jamari, mas dependemos de recursos econômicos, pois este local é isolado, 2 dias de caminhada da fazenda, caso fizéssemos este posto indígena seria necessário abrir uma pista de pouso para avião.

#### 2.5 - SITUAÇÃO DO GRUPO DO CLÃ DO PAIAJUB

Este clã é o mais tradicional e tem se mantido afastado da periferia da área indígena, este fato tem mantido-os com menos problema de doenças.

#### 2.6 - SITUAÇÃO DO GRUPO AMONDAVA

Os Amondava desde antes do contato com a FUNAI, mantinham um certo afastamento dos Pindotativujara-ga(Uru Eu do norte). Na época de ataques a não índios, um grupo convidava o outro para ajudar.

Na época do contato (1981) até janeiro de 1986 eles moravam longe do Pin Comandante Ari, no rio Cujubim, afluente do rio Cautário e nas cabeceiras do rio São Miguel e Manoel Correia. Neste intervalo de tempo visitaram uma a duas vezes ao ano o Pin Comandante Ari.

Assim neste 5 anos eles ~~MORAVAM~~ nas malocas tradicionais sem nenhum posto indígena por perto ou, e mesmo auxiliar de enfermagem. Em janeiro de 1986 depois de uma epidemia, em que morreram aproximadamente 25 índios, eles foram para o Pin Comandante Ari. Devido a Funai não criar um Posto indígena na área tradicional deles e receberem orientação de funcionários da Funai, foram morar próximo do posto de vigilância do Trincheira. Nos dois últimos anos por falta de orientação da Funai, passaram a residir no posto do trincheira, que fica em cima da divisa da área indígena com os lotes dos colonos, a 200 mts das malocas tem um colono, que segundo funcionários tem usado os índios como mão de obra barata. A 300 mts das malocas, passa onibus de linha, que transporta agricultores diariamente para Mirante da Serra. A 300 mts da maloca ficam uma escola e um boteco, onde se vende cachaça. Quando começamos os trabalhos em agosto de 1991, deparamos com um problema de vício de cachaça por parte de um jovem Amondava, que estava sendo aliciado pelos colonos especuladores. Um destes passeou de motocicleta com este índio, logo após o mesmo falava em vender madeira para comprar uma moto. Os Amondava ainda tem malocas mais para o interior da área (15 Km). Em janeiro deste ano tentamos através da abertura de uma estrada, levar o posto de vigilância para próximo das malocas. Houve problemas de muita chuva, inviabilizando os trabalhos com máquinas e também a falta de recursos econômicos atrasou esta iniciativa. Estamos esperando começar o período de seca para dar continuidade a este empreendimento e assim diminuirmos parte considerável dos problemas desta comunidade no contato com os brancos. Pindotivujara-gã tem nos reclamado a posse do território onde estão os Amondava. O ideal seria que a Funai tivesse recurso para criar um posto indígena com pista de avião, com auxiliar de enfermagem, assim como no Pin Comandante Ari, na região tradicional deles nas cabeceiras dos rios: S. Miguel, Manoel Correia e Cujubim.

### 3- SAÚDE DOS ÍNDIOS

Os Amondava-gã, após 1986, foram morar nas proximidades do Pin Trincheira, aí passaram a ter um auxiliar de enfermagem continuamente, nesse tempo só ocorreu uma morte por acidente.

Na época do contato os Pindotivujara-gã do Pin Comandante Ari tiveram uma aux. de enfermagem do ano de 1981 até o final de 1983. A partir deste ano até o início de 1986 ficaram sem ter auxiliar de enfermagem, só recebendo visitas esporádicas da mesma, quando havia algum caso grave de saúde, o que foi prejudicial para a comunidade ocorrendo o aumento na mortalidade. No início de 1986 ficou no Pin Comandante Ari uma auxiliar de enfermagem até o final de 1987. A partir desta época até hoje o Pin Cmdte Ari, não tem auxiliar de enfermagem da Funai, como anteriormente ocorria, só ia em caso de epidemia (Ex: pneumonia, malária). Ocorreu e ainda ocorre de a Funai ter de fretar avião para buscar um ou dois índios doentes para trata-los na Casa do Índio,

em Porto Velho, que é um lugar onde muitas vezes o índio vem se curar de uma doença e volta com outra (gripe, tuberculose, etc) para a comunidade ~~há~~ dia nas malocas, para a Funai é muito mais oneroso fazer 2 a 3 vôos de emergência de saúde por mes ao Pin Cmdte Ari, do que manter um auxiliar de enfermagem na área. O agravante é que os órgãos federais não podem contratar funcionários a vários anos, nem mesmo na área de saúde, que uma área emergencial. Nós vivemos no país dos absurdos. Tantas propagandas dos Uru-Eu-Wau-Wau, <sup>TANTAS</sup> desassistência de saúde, <sup>TANTAS</sup> madeira roubada, <sup>TANTAS</sup> doenças trazidas, tantos médicos para minorias na cidade, comunidades com mais de 100 indivíduos, com pouca imunidade, não tem visita de um médico e auxiliar de enfermagem. É um genocídio lento mas contínuo. Na ADR/PVH nos últimos anos tem diminuído muito os funcionários de saúde, encontrando pouca delas em campo. Outro agravante é que uma auxiliar de enfermagem do Posto Indígena, que trabalha direto de segunda a domingo (muita vezes a noite) ganha o mesmo salário de uma auxiliar de enfermagem da Casa do Índio (cidade), que faz dois plantões por semana, podendo ter até outro emprego. Na área indígena Uru-Eu-Wau-Wau tem um auxiliar de enfermagem no Pin Trincheira (Amondava-gã) e a comunidade indígena do Pin Cmdte Ari, do Pin Jamari e das malocas do Alto Jamari desassistidas de funcionários de saúde da Funai. É uma discrepância, os índios mais falados do tempo do Polo noroeste, tem o nome mais usado como forma de obter recursos no exterior estão sem assistência de saúde em campo, é o mundo das contradições.

Os índios do Alto rio Jamari, grupo do Mbava/Taroba, estavam recentemente ficando na Fazenda Mal. Rondon, que é muito edêmico. Foi aí que morreu o líder deles conhecido por apelido "VERRUGA" (Mohan-ga). Também por informações dos próprios índios, neste local já morreram oito recém-nascidos e crianças. O último surto de gripe e pneumonia foram internados oito índios no Hospital de Porto Velho (ver relatório ~~aviso~~ da enfermeira Denize Ferrari <sup>de 25/11/91. Apr/evm</sup>). O fazendeiro local dar comida em abundância para os índios, favorecendo a permanência deles na fazenda, mas não dar assistência quando eles estão doentes. Em recente dialogo com um jovem aliciado pela fazenda (Kwari), nós pedimos para ele voltar para as malocas, porque ali na Fazenda era doentio e ele argumentou que não iria porque eles não recebiam mais presente da Funai como da época do contato e que dentro do mato, nas malocas eles ficavam doente e a Funai não ajudava, o que não deixa de ser verdade, para este grupo. Depois desta última epidemia que a Funai levou-os para o hospital, depois de estarem bom de saúde, levamo-os para a Fazenda para eles voltarem para as malocas. Falamos que nós iriamos construir o Posto Indígena perto da maloca deles para apoiar-los e colocariamos uma auxiliar de enfermagem neste local. Eles concordaram, gostaram da proposta, voltaram para as malocas e esperam nosso apoio, na área dos Uru-Eu-Wau-Wau, temos auxiliares de sertanista e de serviços gerais para o proposto Posto Indígena, mas não temos funcionários de

saúde e recursos para implantação deste posto.

Entre os Uru-Eu-Wau-Wau já teve vários casos de tuberculose tratados, alguns em tratamentos, muitos que surgirão, nestas condições de atendimento de saúde de em campo.

#### 4 - TERRAS DOS ÍNDIOS: INVASÃO, FURTO DE MADEIRA, ALICIAMENTO DE ÍNDIOS, GARIMPO, E PESQUISA DE GARIMPO.

##### 4.1 - ANTECEDENTES

Em 1986 começaram os grandes roubos de madeira na Área Indígena Uru-Eu-Wau-Wau. Em 1987 foram apreendidos pelos funcionários da FUNAI, maquinários (Ol Squid, Ol trator esteira, motonarras e outros) atuando dentro da área indígena, na região do Alto Jaru, entre o marco 17 e 18. O infrator era o Sr. JOSÉ LUIZ COSTA, dono da Serraria "Majel", na cidade de Ji-Paraná. Após esta apreensão, o madeireiro, acompanhado de ex-deputados federais, entre eles, o Sr. Espedito Junior, foram na FUNAI em Brasília requerer a devolução dos maquinários. Quando voltaram, trouxeram um contrato de retirada de madeira para o mesmo local da apreensão, assinada pelo então Presidente da Funai, ROMERO JUCA FILHO. O contrato foi feito com o próprio ladrão de madeira, que trocou o nome da sua empresa "Majel" para "Unimar". Começa o aliciamento dos índios semi contactados com o aval do próprio órgão tutor.

OBS -> No contrato remove a retirada de madeiras desvitalizadas, isto é, madeira no chão.

Estas madeiras desvitalizadas eram as madeiras que o madeireiro JOSE LUIZ vinha negociando com os lotes dos seringueiros e colonos invasores da reserva indígena e já tinham sido cortadas pelos empregados deles. Depois conforme eles iam tirando as madeiras desvitalizadas, ironicamente iam desvitalizando outras, isto é, iam cortando outras árvores para o ano próximo tivesse mais madeiras desvitalizadas num processo sem fim. No contrato o madeireiro faria estrada de acesso a PIMs, fa

OBS -> ria pista de avião, construiriam casas de postos de vigilância, etc. Como é de praxe nesta roubalheira o madeireiro não cumpriu o acordo, assim como outros corruptos ficam rico as custas dos índios, e das doenças introduzidas. Justiça para os pequenos e monarquia para os donos dos capitais (serrarias).

O grupo dos Uru-Eu-Wau-Wau do Pin Comandante Ari, nestes tres anos de contrato, receberam mercadorias: alimentos, roupas, bolsas, calçados, do mesmo modo, <sup>como</sup> ~~em~~ <sup>pedindo</sup> (aliciando-se) mercadoria para os madeireiros que estão roubando madeira na altura da linha 48 (relatório Dr. Nailton, pg 151 e fotos pg.64). Um grupo de índios historicamente guerreiros, defensores de suas terras, estão se tornando mendigos do capitalistas madeireiros que destroem o habitat deles. A Funai no momento esta sustentada pelo governo, talvez de propósito em sintonia com os madeireiros

A Funai não pode vender madeira (nem deve) para se equipar, para comprar mercadori  
as para os índios. Por outro lado, os madeireiros podem, porque a "praxe" é de quan  
do são flagrados nos delitos, não vão preso, e dias após tem seus maquinários reavi  
dos. É uma empresa infratora da constituição que não leva prejuízo. Com a madeira,  
que furtem podem comprar milhares de bugigangas para os índios (1% do valor da madeira  
REUSADA ). Assim é maravilhoso para eles, para quem não <sup>há</sup> ~~ó?~~ para os índios do  
local desses aliciamentos que uma parte já teve ou tem tuberculoso, sem contar os  
casos de malária, devido a esse contato com estes inescrupulosos. Num momento de  
crise econômica que passa a Funai, para os índios recém-contactados os funcionári  
os passam a ser ruim e os madeireiros os bons, pois dão presentes. Felizmente boa  
parte da comunidade, principalmente os mais velhos, são culturalmente resistentes  
e não se deixam aliciar.

4.5 - OPERAÇÃO FLORA VIVA (breve comentário do relatório da operação flora viva, Dr  
Nailton Gregorio - Assessor Jurídico, ADR/PVH, 12/91).

Em junho de 1991, a Funai/ADR/PVH, começou a operação de desintrusão das  
Áreas Indígenas de Rondônia, em conjunto com órgãos federais e estaduais: IBAMA,  
SDPR, Polícia Florestal, SEDAM, Pelotão Florestal e Governo do Estado de Rondônia  
A operação Flora Viva era parte dos requisitos para aprovação do PLANAFLOCO, usando  
recursos finais do POLONOROESTE através da SEPLAN.

Foi válida a operação principalmente para a indígena Uru-Eu-Wau-Wau e a  
Área Indígena Moquéns, o que não aconteceu com as Áreas Indígenas do Karipuna, Ga  
vião, Rio Branco e outros.

Na área indígena Uru-Eu-Wau-Wau esta operação ocorreu em diversas etapas.  
Na primeira etapa, na região de Bom Princípio entre os marcos 31,32,33, fizeram a  
desintrusão de um garimpo de ouro, Fazenda de Pecuarias, serraria, posseiros. Foi  
apreendido trator do esteira, toyota picape, serrafita com caldeiras, maquinários  
e implementos diversos de garimpo, além de 15 garimpeiros (ver relatório da operação  
Flora Viva, Dr. Nailton, ADR/PVH, 12/91)

Em outro momento na região do Burareiro foi apreendido caminhão de madei  
ra, destruído ponte (sobre o rio floresta) de acesso de madeireiros para o interior  
da área indígena. Neste local continuam agricultores morando no interior da área  
indígena, pois é uma área em litígio com o INCRA. No ano de 1980, o INCRA assentou  
colonos (121) e logo após deu títulos definitivos aos mesmos, sem a autorização da  
Funai, pois ali ainda era área interdita pela Funai, e os índios já tinham mata  
do muitas pessoas naquela região. Os índios ainda não tinham sido contactados. A  
nos após o assentamento os índios mataram dois, em duas ocasiões, naquela região,

4 pessoas. Na época o superintendente do INCRA era o Sr. Assis Canuto, que hoje é o Vice-Governador do Estado.

No momento os funcionários que trabalham no Posto de Vigilância do Monte Negro estão sendo ameaçados por madeireiros e pretensos fazendeiros-possesores, como é o caso de um madeireiro conhecido por Sr. AGEU. Este madeireiro já tirou boa parte das madeiras de lei dos lotes em litígio no interior da reserva e tem a petulância de ir no Posto de Vigilância da Funai e mandar os funcionários se retirarem da área indígena. A desintrusão desta parte da reserva vai depender do desenrolar de um processo jurídico entre a Funai e o Inora, que está emperrando a nível de Brasília a um bom tempo. Cabe salientar que dos poucos invasores que habitam este local no interior da reserva, 90% tem o título definitivo do INCRA e sim um recibo de compra dos parceleiros que receberam o título do INCRA. Dos proprietários de título definitivo ou de recibos de compra dos mesmos, quase todos moram em Ariquemes, e são empresários: Madeireiros, comerciantes, fazendeiros, etc. E colocam pequenos agricultores para tomar conta de seus lotes.

Em uma outra fase na região próxima da "linha 621", apreendemos de flagrante 3 caminhões, 2 tratores de torreiros que estavam roubando madeira e aliciando crianças índias Uru-Eu-Wau-Wau (anexo CI nº 2/Coord.Uru-Eu-Wau-Wau). Estes infratores fizeram várias estradas no interior da reserva. Uma destas estradas adentrando 20 km chegando próximo das malocas do clã Tari-Ga, nas margens do rio Jamari. Anteriormente a esta apreensão os funcionários do Posto de Vigilância 621, estavam próximo do local destes roubos, mas não chegavam lá, pois eram em dois, não possuíam armas, munição, transporte e não havia rádio transeceptor para comunicar-se, caso fizessem apreensão.

Na região de Campo Novo, próximo do rio Jaci-Paraná, entre os marcos 1 e 2 apreendemos um Squid (trator) da madeireira Catanôê, furtando madeira no interior da reserva. Logo após foi feito pela equipe da Funai um levantamento minucioso das perdas e danos feito ao meio ambiente pela madeireira, que culminou num relatório de impacto ambiental.

Uma equipe com Funai da ADR/Guajara-Mirim, IBAMA, Pelotão Florestal, desintrusaram um garimpo nas proximidades do local conhecido como seringal São Luiz. O seringalista que pleiteia este antigo seringal, o Sr. Sebastião Fundinho, associou-se a mineração Guajará, e a colocou no interior da reserva, vinham atuando a mais de um ano (relatório do servidor da ADR/Guajará-Mirim, Edilson Alves Monteiro). Este pretense seringalista é filho do Sr. Manuel Lucindo, que responde um processo no judiciário de Guajara-Mirim, pela chacina na década de 60, dos índios Uru-Win, assassinando 31 índios e pela gravidez forçada e indesejada de várias índias altas e



adolescentes, em uma só expedição punitiva. Neste local hoje, do garimpo e ex-seringal São Luiz, além das chacinhas, hoje, são invasores-garimpeiros. Após a desintrusão do garimpo o grupo remanescente dos índios Oro-Win retornaram ao Pim Rio Negro de Ocaia para o local do ex-seringal com apoio da ADR/Guajara-Mirim, por interesse dos próprios índios e para ajudar na vigilância. O problema é no rio Pacaas Novos, no interior da reserva, próximo do seringal São Luiz, permanecem vários seringueiros do Sr. Sebastião Fandinho e que estão ostil aos índios. Também para construir um posto de indígena neste local, para o grupo Oro-Win, seria necessário a criação de uma Portaria de Posto Indígena e recursos econômicos, que no momento é difícil pela fase que passa a Funai.

Por último, os funcionários do Posto de vigilância de Bom Princípio, juntamente com o Pelotão Florostal de São Miguel, num local a 30 Km do Posto dentro da reserva apreenderam um trator e um caminhão do madeireiro Luiz Passamano, que possui uma serraria no município de Nova Brasilândia. O maquinário e caminhão ficaram guardados no Posto de Vigilância de Bom Princípio com dois funcionários. Uma semana depois, este mesmo madeireiro com capangas se aliou ao pecuarista (que já tinha sido retirado na primeira fase da Operação, com 700 cabeças de gado). Fizeram um trabalho duplo na boca da noite, renderam os dois funcionários que não possuíam armas, e o madeireiro levou os dois veículos, o fazendeiro retornou com o gado para dentro da reserva. No momento em que renderam os funcionários, a noite, o Sr. Luiz Passamano, debochou sinicamente dos dois funcionários, dizendo que ele reconhecia-se como o maior explorador (ladrão) de madeiras das áreas indígenas do Estado de Rondônia e que no outro dia iria voltar ao local do roubo de madeira e iria retirar as madeiras que ficaram explandadas (estocadas no interior da reserva). É do conhecimento de muitos que este indivíduo é o maior ladrão de madeira do Estado de Rondônia, pois já tirou madeira nas áreas indígenas: Igarapé Lardes (gavião e Arara), através de aliciamento de índios, Zoró através de furto; Rio Branco, através de aliciamento de índios: Uru-Eu-Mau-Wau através de furto.

Felizmente com apoio da Polícia Federal de Vilhena os veículos foram recuperados da mão do madeireiro e o gado apreendido.

Rogério Vargas Costa